



## GT 1: EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERÁRIA

### O ALUNO COMO HERÓI DE MIL FACES: UMA LEITURA DISCURSIVA DA FORMAÇÃO DE SUJEITOS NA APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Pedro Danilo Rocha de Oliveira Leão, Universidade Católica de Pernambuco(UNICAP)

#### RESUMO

Este trabalho propõe uma análise discursiva da construção da posição-sujeito aprendiz no processo de aprendizagem de inglês, a partir da articulação entre a Análise do Discurso de linha francesa e a estrutura mítico-narrativa da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell (2007). O objetivo é compreender como o aprendiz é interpelado por discursos pedagógicos, ideológicos e culturais, sendo posicionado como sujeito de sua própria travessia formativa. Fundamentado nos estudos de Pêcheux (1995; 2014), Orlandi (1996; 2005), Althusser (1985) e Barthes (1984) o trabalho examina os efeitos de sentido que emergem nas práticas escolares. A metodologia é de cunho qualitativo, com base em análise documental e interpretação discursiva. Conclui-se que o aprendiz pode ser compreendido como sujeito-herói, cujas posições discursivas são atravessadas por lutas simbólicas e por processos de ressignificação identitária.

**Palavras-chave:** sujeito; discurso; herói; aprendizagem; inglês.

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a formação discursiva da posição-sujeito aprendiz na aprendizagem de inglês, articulando a Análise do Discurso de linha francesa à narrativa mítica da jornada do herói. A pesquisa busca compreender o papel do discurso na construção identitária dos aprendizes na sua relação com a língua estrangeira, bem como nas possibilidades de ressignificação de sua posição ideologicamente pré-determinada ao longo da sua trajetória educacional. O objetivo é possibilitar uma releitura da posição do aprendiz de língua inglesa, tendo em vista o processo de apreensão do conhecimento, sendo protagonista de sua trajetória. Ao

articular com a trajetória do herói (Campbell, 2007), buscamos promover uma desnaturalização dessa posição-sujeito aprendiz, tradicionalmente passiva, com vistas a uma nova relação desse aprendiz com o conhecimento.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise de Discurso de linha francesa, comprehende o sujeito como efeito da linguagem e da ideologia (Pêcheux, 2014). O sujeito é moldado por formações ideológicas que determinam seus discursos (Pêcheux, 1995; Orlandi, 1996), com a escola, como aparelho ideológico de Estado (Althusser, 1985), posicionando-o por meio de discursos que associam o inglês a exclusão ou prestígio.

A escola, como espaço de disputa de significações (Courtine, 2009), impõe ao aluno sentidos contraditórios, incentivando-o a aprender inglês para "ter futuro", mas também estigmatizando a língua como "dos outros". Do estudo de Barthes (1984) depreende-se como o mito da língua estrangeira naturaliza relações de poder.

O aluno, inserido em condições de produção específicas no ambiente escolar, pode ressignificar sua relação com a língua, como o herói descrito por Campbell (2007), que enfrenta desafios e retorna transformado. Authier-Revuz (1998) e Orlandi (2005) ressaltam a heterogeneidade do discurso, em que cada enunciado carrega marcas de outros, tornando a aprendizagem de inglês uma reinscrição discursiva, que envolve aspectos sociais, políticos e simbólicos.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa, qualitativa e interpretativa, baseia-se na Análise do Discurso de linha francesa, com categorias analíticas de sujeito, enunciação, interdiscurso e formação discursiva (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2005). O *corpus* é composto pela obra *O herói de mil faces* (Campbell, 2007), analisando os efeitos de sentido gerados em torno da figura do herói e sua trajetória. O estudo busca compreender como o sujeito é constituído discursivamente e como os sentidos são atravessados por formações discursivas ideologicamente marcadas.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em cada sala de aula brasileira, especialmente nas periferias urbanas e zonas rurais, há um herói silencioso cuja jornada se inicia, quase sempre, sem que ele perceba: o aluno de inglês. Distante dos centros produtores de sentido da língua inglesa e inserido em formações discursivas que historicamente associam o inglês ao poder, ao prestígio e à exclusão, esse sujeito é interpelado por discursos contraditórios. Ele é, ao mesmo tempo, incentivado a aprender inglês para “ter futuro” e desencorajado por vozes que lhe dizem que “isso não é para você”.

Como diz Pêcheux (1995, p. 159), o sujeito não é o autor inteiramente livre do que diz, mas “há o processo de interpelação-identificação, que produz o sujeito no lugar deixado vazio”, isto é, ele é atravessado por formações ideológicas que determinam o que pode ser dito e pensado. Isso implica que o aluno entra na sala de aula marcado por sentidos externos, sendo influenciado por discursos que o constituem. Inicia sua trajetória no mundo conhecido, seu idioma, práticas sociais e experiências, com ecos do inglês em músicas e jogos, mas esses sentidos são fragmentados e muitas vezes excluídos. Como aponta Orlandi (1996, p. 45), “o sujeito se constitui por uma interpelação (...) ao mesmo tempo determinado por condições internas e autônomo”, ou seja, sentidos sedimentados condicionam interpretações. A escola, então, aparece como o “chamado à aventura”, um espaço para cruzar a fronteira entre o conhecido e o desconhecido.

Nesse percurso, o professor é um mediador que tensiona sentidos, que oferece possibilidades para que o aprendiz atravesse os obstáculos ideológicos e simbólicos que marcam seu não-lugar no discurso dominante. É com a ajuda desse mediador que o herói começa a desconstruir o mito de que a língua inglesa pertence a “outros”. É nesse momento que ele se depara com os “guardas do limiar”: o medo do erro, o julgamento do outro, a vergonha de falar errado — todos eles efeitos de uma formação discursiva que inscreve o inglês como língua do outro, do superior, do estrangeiro.

Segundo Courtine (2009, p. 74), “o interdiscurso é o lugar no qual se constituem (...) os objetos de que esse sujeito enunciador se apropria para deles fazer objetos de seu discurso”, e é exatamente nesse espaço que o aluno-herói trava seu combate. Ao atravessar esses desafios, o herói-aluno inicia uma transformação. Ele começa a significar o inglês de outra maneira. Deixa de vê-lo como símbolo de exclusão e passa a reinscrevê-lo em sua própria história, apropriando-se dele de forma singular. O inglês, agora, pode ser usado para fazer memes, para empreender, para jogar, para

sonhar. O herói começa a produzir sentidos novos — sentidos que não estavam previstos pelo discurso dominante.

Nessa perspectiva, o aprendiz, ao entrar em contato com a língua, não apenas assimila conteúdos, mas inscreve-se em novas posições-sujeito, reconfigurando sua própria história a partir dos sentidos que circulam.. Nesse jogo simbólico, a conquista do herói não é, necessariamente, dominar a gramática ou tirar boas notas, mas simbólica: deslocar seu lugar no discurso, resistindo e afirmado: “o inglês também é meu”. Ao retornar à sua comunidade — seja real ou virtual —, esse herói não é o mesmo. Ele se torna uma referência, um ponto de identificação para outros que, como ele, foram vistos como “incapazes”, mas agora podem se perceber como sujeitos do inglês.

Authier-Revuz (1998, p. 114) nos lembra que “a enunciação é pensada como lugar de uma inevitável heterogeneidade”, isto é, todo dizer carrega marcas de outros dizeres. Pensar o aluno como herói é, portanto, assumir que ele é constituído por múltiplas vozes, muitas vezes dissonantes, e que sua jornada é, ao mesmo tempo, interna e coletiva. Na Análise do Discurso, entendemos que o sujeito é atravessado por ideologias e só existe no discurso. Por isso, pensar o aluno como herói é reconhecer que sua luta não é apenas cognitiva — é simbólica, social, política. É disputa de sentidos. É (re)significação de si no mundo.

E nessa travessia, cada aluno que ousa habitar o inglês como lugar de fala, e não apenas de escuta, é um herói de mil faces, cuja jornada ecoa muito além da sala de aula. Como nos lembra Joseph Campbell (2007, p. 30), “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais” Nesse contexto, o inglês não é apenas uma língua estrangeira a ser apreendida, mas uma travessia simbólica — um rito de passagem que permite ao sujeito reinventar a si mesmo no discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o aprendiz pode ser compreendido como sujeito-herói, atravessado por discursos, disputas simbólicas e ressignificações identitárias. A jornada do herói, lida como estrutura discursiva, revela o processo educacional como uma travessia de subjetivação. O estudo amplia a compreensão dos sentidos

atribuídos ao aluno e à aprendizagem de línguas, abrindo caminhos para futuras investigações sobre protagonismo estudantil.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BARTHES, R. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2007

COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. Discurso e texto: formulação e circulação dos Sentidos. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 61–162.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.